

CARTOGRAFIA NARRATIVA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: O MAPEAMENTO DE HISTÓRIAS DE VIDA COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS ESCOLAS

Laura Butti do Valle

Laura.vbutti@gmail.com

Resumo

Atualmente a cartografia não é uma área de estudo exclusiva dos geógrafos, existe uma série de pesquisas que buscam trabalhar de forma interdisciplinar relacionando as linguagens cartográficas com diversas áreas das ciências humanas como literatura, artes e educação. Neste contexto o mapa adquire novos formatos e possibilidades e pensando nisso, este artigo discute as ideias centrais do meu projeto de mestrado no qual busco estudar a potencialidade da utilização da cartografia narrativa- onde o processo de mapeamento e a história contada são tão importantes quanto o mapa resultante no final- como metodologia de ensino de Geografia. Tendo como um dos objetivos finais a elaboração e aplicação de uma atividade prática no Ensino Fundamental que resulte em mapas significativos para os alunos proporcionando uma aproximação com os conteúdos geográficos lecionados tradicionalmente.

Palavras-chave: linguagens cartográficas; metodologia de ensino; cartografia narrativa

Introdução

A discussão apresentada nesse artigo originou-se do projeto de mestrado “Cartografia narrativa e o ensino de Geografia: O mapeamento de histórias de vida como recurso metodológico nas escolas” que escrevi para ingressar no programa de pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e que teve início no primeiro semestre deste ano (2019).

Portanto o foco não são resultados ou conclusões, já que nesta fase as mudanças são constantes e fundamentais para a estruturação da ideia de pesquisa, ao invés disso, trago como objetivo entender o processo de chegada ao tema e sua importância, assim como, a proposta metodológica e anseios que busco compreender no final deste processo.

O projeto surgiu de um acúmulo de experiências que vivenciei durante a graduação em Geografia, tanto na modalidade de licenciatura quanto de bacharelado, na UNICAMP,



principalmente a partir de 2016 quando a minha pesquisa acadêmica se voltou para questões ligadas à educação e cartografia e estreitaram meus laços com o estudo das linguagens cartográficas.

Tal processo iniciou-se durante a escolha do tema para o meu trabalho de conclusão de curso, dentre tantas inquietações a cartografia escolar despertou meu interesse e a partir daí iniciei uma série de leituras e pesquisas que resultaram além do meu TCC em uma iniciação científica (ambas intituladas “Os sentidos da linguagem cartográfica na formação inicial de professores- Uma visita à minha trajetória na graduação em geografia na UNICAMP”) que buscavam retomar a minha relação com as linguagens cartográficas na graduação com o objetivo de pensar como professores recém-formados se apropriam destas ferramentas na sala de aula.

Neste contexto um ponto que obtive relevância foi à questão da cartografia como uma linguagem geográfica que permite, através do seu código próprio, articular fatos, conceitos e sistemas conceituais possibilitando ler e escrever as características do território (CASTELLAR, 2009), evidenciando as potencialidades de se apropriar desta linguagem dentro da sala de aula, como metodologia e não apenas conteúdo.

Na escola a linguagem cartográfica surge como possibilidade e meio de aproximar os temas abordados no currículo da geografia à realidade dos alunos, proporcionando uma absorção mais afetiva do que se pretende ensinar.

“Pensar o uso da linguagem cartográfica como uma metodologia inovadora é torna-la parte essencial para a educação geográfica, para a construção da cidadania do aluno, na medida em que permitirá a ele compreender os conteúdos e conceitos geográficos por meio de uma linguagem que traduzirá as observações abstratas em representações da realidade mais concretas” (CASTELLAR, 2009, p.121)

A partir desse ponto comecei a questionar o uso que estamos dando para os mapas em sala de aula. Tem uma função metodológica ou apenas ilustrativa? Como a interpretação dos signos desta linguagem dependem do conjunto de vivências de cada aluno a compreensão vai além de uma simples decodificação, já que isso não significa necessariamente que o aluno foi capaz de interpretar o que estava representado. (ALMEIDA, 1999). E será que os alunos

dominam a linguagem para interpretar as informações presentes nos mapas tradicionalmente trabalhados na escola?

Sendo assim, se faz necessário pensar maneiras efetivas de explorar a potencialidade das linguagens cartográficas como metodologia de ensino dentro da sala de aula de forma com que os alunos possam atribuir significado para aquilo que pretende- se ensinar.

O conteúdo de Geografia, por ser essencialmente social e ter a ver com as coisas concretas da vida, que estão acontecendo e tem sua efetivação num espaço concreto aparente e visível, permite e encaminha o aluno a um aprendizado que faz parte da própria vida e como tal pode ser considerado em seu significado restrito e extrapolado para condição social da humanidade. (CALLAI, 2001, p. 143)

Buscando atingir essa função de proximidade com as histórias e com o cotidiano dos alunos o recorte proposto para esta pesquisa foi o estudo da cartografia narrativa como metodologia aplicada nas salas de aula, por entender que esta aparece como uma alternativa para produzir linguagens cartográficas que fogem do modelo clássico do mapa estático que observamos comumente.

Durante o processo histórico de construção da cartografia ocorreram diversas mudanças quanto a sua concepção, área de abrangência, competência e evolução tecnológica (SIMIELLI, 2007) colocando atualmente a cartografia escolar em diálogo com novas áreas do conhecimento como artes, literatura, sociologia e educação (GONÇALVES, 2017).

Com isso “cartógrafos críticos agora procuram estudar a natureza performativa e dinâmica dos mapas, superando o seu emprego como espelho da realidade e mera representação estática no papel” (SEEMAN, 2013, p.87). Como resultado temos mapas mais fluidos, que contam narrativas e espacializam os lugares por onde as histórias se passam ajudando a aproximar aquilo que está sendo contado das pessoas que estão lendo e principalmente produzindo a narrativa.

Além disso, ao pensarmos a construção do mapa como um processo narrativo, e não simplesmente um produto final, expandimos as possibilidades de construção de significados, o mapa deixa de ser o principal resultado da atividade e o processo de mapear ganha destaque



assim como a ideia do mapa como uma representação inacabada sempre em processo de recomeço (CAQUARD; CARTWRIGHT, 2014)

Assim, um dos objetivos é desenvolver uma atividade prática para ser realizada com o Ensino Fundamental com a construção de mapas narrativos que tragam as histórias desses alunos para a sala de aula utilizando do recurso lúdico das narrativas para atrair essas crianças para mais perto dos conteúdos geográficos.

Outro momento fundamental que me levou a ideia de explorar as potencialidades da cartografia narrativa dentro da sala de aula foi o trabalho final da disciplina “Cartografia Novas Tecnologias e Educação Geográfica” oferecida em 2017 na pós-graduação e que cursei como ouvinte, pois foi ministrada pela minha orientadora Tania Seneme Canto.

Durante as discussões e textos das aulas entrei em contato com a cartografia narrativa e a atividade final consistia justamente na elaboração de um mapa que contasse alguma história, onde o processo de mapear fosse tão significativo quanto o resultado final.

Assim, o meu trabalho consistiu em mapear as lembranças e histórias sobre os trabalhos de campo vividos por mim e pelos meus colegas durante a graduação. Para isso elaborei um questionário através do “google forms” com uma lista de todas as cidades visitadas nos trabalhos de campo e encaminhei para 18 pessoas que entraram junto comigo na graduação em 2012 ou em anos próximos. Deixei livre para eles escolherem a forma e o conteúdo dos comentários, apenas solicitei que escrevessem uma memória ou história que fosse marcante em cada viagem.

Conforme as respostas anônimas chegaram criei o mapa utilizando o “google maps”, marcando as cidades, colocando na legenda cada campo com uma cor diferente e associando as lembranças aos locais onde elas aconteceram Além disso, para cada campo, ao invés de escrever as minhas lembranças igual meus colegas, resolvi explorar outra forma de linguagem e optei por colocar minhas fotos favoritas das viagens, algumas tiradas por mim mesmo outras postadas na internet por outros alunos.

Pude perceber como os impactos da parte afetiva de cada campo na vida das pessoas, muitas vezes, foi tão significativa quanto a parte acadêmica em si. Lógico que aprendemos muito com cada trabalho realizado e não seria possível realizar tantas conexões dos conceitos

leccionados e a realidade somente dentro da sala de aula, mas os relatos trouxeram muitas histórias vividas com amigos, pessoas novas que conhecemos em cada cidade e compartilharam suas histórias, a aproximação que as viagens proporcionaram entre os alunos e/ou professores e como o campo realizado para lugares que são significativos na vida dessas pessoas deixaram marcas ainda mais fortes na memória.

O resultado foi um mapa cheio de significados e lembranças onde o processo de mapeamento me remeteu a vários momentos marcantes da minha graduação. Foi tão importante ter realizado este trabalho que a ideia de como uma metodologia parecida poderia resultar em coisas incríveis dentro da escola permaneceu na minha cabeça até a escrita do projeto de mestrado.

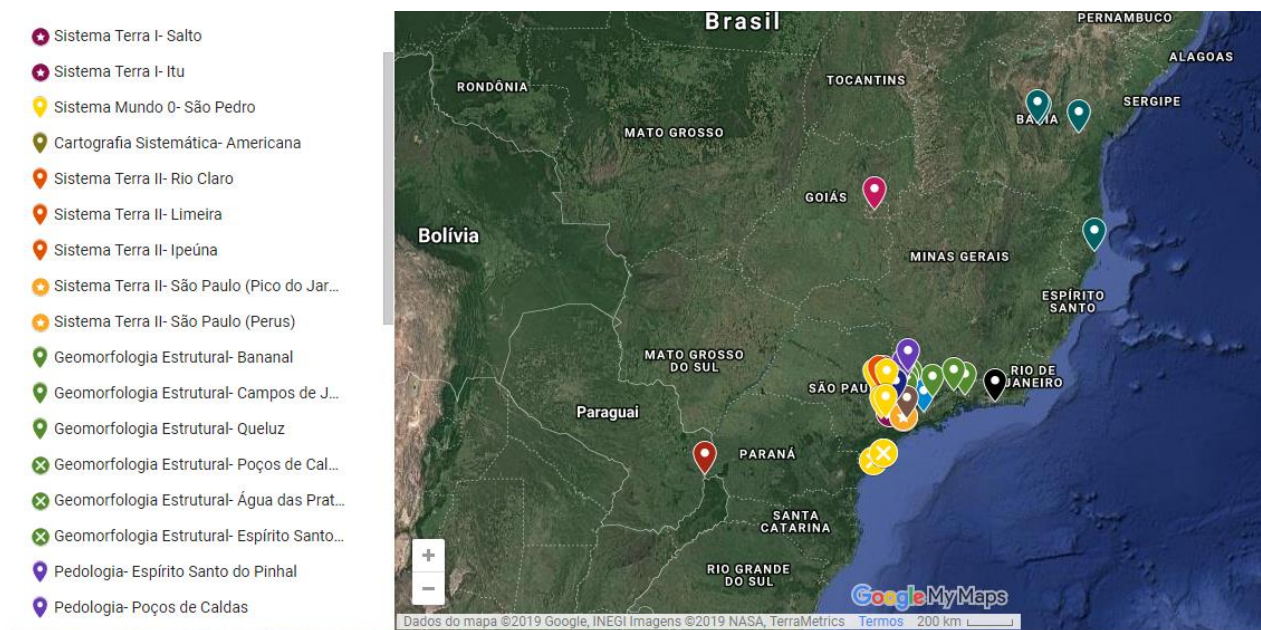


Imagem 1: Visão geral do mapa realizado para a disciplina “Cartografia Novas Tecnologias e Educação Geográfica”- elaboração própria.

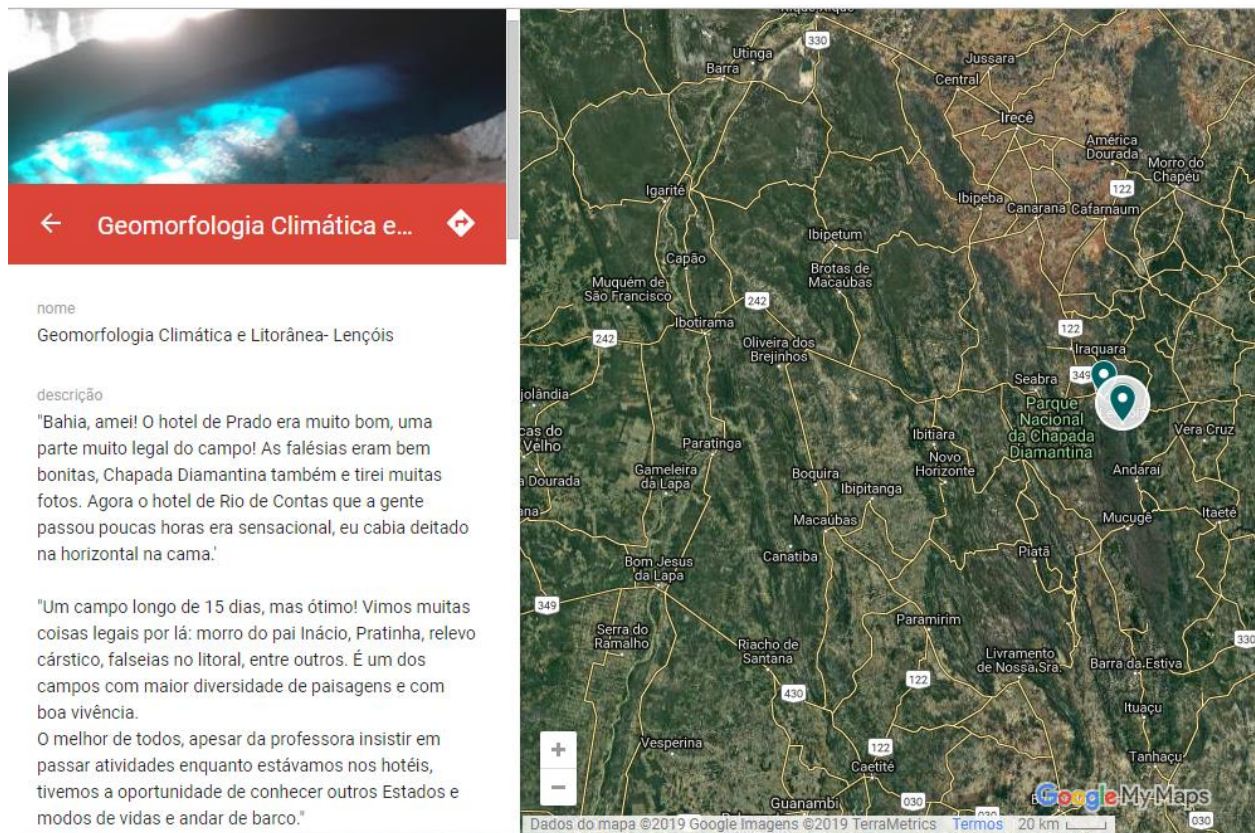


Imagem 2: Exemplo de relatos e fotos associados a cada campo no mapa realizado para a disciplina “Cartografia Novas Tecnologias e Educação Geográfica”- elaboração própria

O Desenvolvimento da Pesquisa

Durante pesquisas anteriores utilizei metodologia de pesquisa formação para retomar minha história acadêmica através de narrativas que permitiram ressignificar e retomar passagens significativas no meu processo de formação “Um trabalho transformador de si, ligado à narração das histórias de vida e a partir delas, tornou-se indispensável a uma Educação Continuada, digna desse nome” (JOSSO, 2007, p.413), quando utilizamos a nossa própria história construímos pontes sólidas entre o sujeito e a pesquisa.

Foi a partir de leituras sobre a metodologia de pesquisa formação proposta por JOSSO (2007) que surgiu a ideia de pensar formas de explorar as narrativas e histórias de vida dos alunos dentro da escola. Apesar desta metodologia ser aplicada com foco para refletir a formação profissional ela também é um importante instrumento para pensar o social

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. (JOSSO, 2007, p.414)

A partir desta reflexão foi possível pensar uma nova etapa do projeto que seria a elaboração de uma atividade para ser desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental utilizando o recurso dos mapas narrativos para a construção de passagens que facilitem a compreensão dos alunos de conteúdos geográficos (OLIVEIRA JUNIOR, 2011)

Inicialmente é notória a familiaridade entre as condições que podem ser alcançadas e expressadas pela cartografia narrativa e o conceito de lugar na geografia. A questão do afeto e lembranças associadas a um determinado ponto do espaço geográfico são informações que tendem a aparecer na construção de mapas narrativos.

a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Como bem salientou Eric Dardel “para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença” [...] Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida (NOGUEIRA, 2002).

A estrutura da atividade será um dos próximos passos a serem desenvolvidos na pesquisa, mas a intensão é que os alunos mapeiem histórias que estejam ligadas a suas vivências resultando assim em mapas que permitam aos alunos representar o espaço geográfico nas mais diversas escalas espaciais e temporais, de acordo com seus interesses e necessidades permitindo melhorar a percepção e a representação dos fenômenos geográficos (CASTELLAR, 2006). Mas tomando o cuidado de não limitar o ponto de chegada desta atividade já que o foco é analisar a importância do processo de mapear e não somente o resultado.

Para fundamentar e desenvolver teoricamente este projeto alguns autores possuem um papel central e como a maneira que proponho a utilização das linguagens cartográficas dentro



da sala de aula demanda um novo olhar sob a cartografia é necessário buscar novas pesquisas na área que ampliam o sentido do mapa, trabalhando com a relação entre o mapa e o cotidiano (GONÇALVEZ, 2017), a interdisciplinaridade entre os estudos cartográficos e outras áreas das ciências humanas (SEEMANN, 2013; SIMIELLI, 2007) e o próprio questionamento do que é um mapa e até onde podemos desconstruir essa velha imagem que ele carrega (OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Quando focamos na cartografia narrativa existem várias pesquisas recentes refletindo sobre o seu uso atual (SEEMANN, 2013) e como ela vem sofrendo diretamente a influência do avanço digital e da popularização dos recursos tecnológicos o que possibilita que qualquer pessoa com acesso a internet consiga produzir um mapa contando sua história reformulando as noções de mapeamento na era informacional (CAQUARD; TAYLOR, 2013; KITCHIN; DODGE, 2007). Além disso, existe o estudo do chamado *Mapping Deeply* que justamente busca entender o mapeamento de experiências pessoais e a valorização de memórias e aspectos qualitativos dentro da cartografia (WOOD, 2015).

Considerações Finais

Como já dito anteriormente, a pesquisa ainda está em estágio inicial em um processo de revisão bibliográfica sobre cartografia como metodologia de ensino, linguagens cartográficas, cartografia narrativa e *Mapping Deeply* buscando a apropriação teórica sobre tais temas que é necessária para entender como chegar ao que propus quando iniciei o projeto.

Porém, pesquisar as potencialidades da cartografia narrativa como metodologia de ensino dentro da sala de aula através da formulação de uma atividade prática para ser aplicada no Ensino Fundamental focando na produção de mapas pelos alunos que tragam suas histórias e experiências afetivas é o objetivo principal.

É relevante destacar que entre a primeira versão do projeto e a escrita deste artigo já passaram alguns meses e algumas mudanças já ocorreram, principalmente relacionada a atividade que será aplicada em sala de aula. Inicialmente, a proposta era escolher um tema seguindo o currículo do Estado de São Paulo e desenvolver a atividade já enviesada.

Porém, após algumas discussões percebi como ainda tenho uma parte presa a uma ideia tradicional de mapeamento onde o importante é o produto resultante. Ao limitar o tema

de forma tão específica o quanto não poderia influenciar o processo de mapear desses alunos? E o quanto isso não significaria numa perda no processo do mapeamento narrativo?

Uma das maiores dificuldades é, inclusive, essa desconstrução sobre a ideia de cartografia que foi formada durante o meu período escolar e que de certa forma foi reforçada durante a graduação. Não existe espaço para um pensamento fechado sobre o que é cartografia dentro de uma pesquisa que busca questionar o uso das linguagens cartográficas e os seus resultados.

Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Estudar o lugar para compreender o mundo. In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-92.

CASTELLAR, Sônia (Org.). Psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: CASTELLAR, Sônia. Educação geográfica teorias e práticas docentes. 10 Edição. São Paulo: Contexto, 2006, p. 38-50.

CASTELLAR, S. M. VANZELLA. A Cartografia e a Construção do conhecimento em contexto escolar. In: Almeida, Rosângela Doin de. (Org.). Novos Rumos da Cartografia Escolar Currículo, linguagens e tecnologia. 1ed.São Paulo: Contexto, 2011, v. 1, p. 121-136.

CAQUARD, S; CARTWRIGHT, W Narrative Cartography: From Mapping Stories to the Narrative of Maps and Mapping, The Cartographic Journal, 2014, p. 101-106.

GIRARDI, G. Cartografia geográfica: reflexões e contribuições. Boletim Paulista de Geografia, n. 87, dez. 2007, p. 45-66.



FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n.98, p.73-95, jan. 2007

JOSSO, Marie- Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida, REVISTA EDUCAÇÃO (PUCRS. ONLINE), v. 3, p. 413- 438, 2007.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive - linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: Rosângela Doin de Almeida. (Org.). Novos rumos da cartografia escolar. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-36.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.. "Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar", Revista Geografares, n.12, jul.. 2012, p.1-49.

PASSINI, E. Y.; MARTINELLI, M. ; ALMEIDA, R. D. . A Cartografia para crianças: alfabetização, Educação ou Iniciação Cartográfica?. Boletim de Geografia (UEM), Maringá, v. 1, p. 125-135, 1999.

SIMIELLI, H. M; ALMEIDA, R. D. (Org.). "O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica", Cartografia escolar. São Paulo: Contexto, 2007.

TAYLOR, F.; CAQUARD, S. Cibercartography: maps and mapping in the information era. Cartographica, v. 41, n. 01, p. 1-6.